

CONFLITOS RELIGIOSOS ENTRE A COLÔNIA BLUMENAU E A PARÓQUIA DE GASPAR NO SÉCULO XIX

A QUESTÃO DOS CEMITÉRIOS CATÓLICO E EVANGÉLICO-LUTERANO

*André Fabiano Voigt**

O sepultamento de não-católicos no Brasil foi visto como um problema desde as primeiras colônias compostas por imigrantes evangélico-luteranos. Como as colônias evangélicas, pela força das circunstâncias, criaram estruturas próprias de administração, uma providência necessária para o desenvolvimento das localidades era a abertura de cemitérios evangélicos, de modo que não acontecessem situações constrangedoras, como o sepultamento de um colono em chão profano próximo ao cemitério católico.

Desde a fundação da freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, em 1861, a questão dos cemitérios católico e evangélico-luterano representou um problema sério para a freguesia de Gaspar e para a colônia Blumenau.

Já em 1857, o Dr. Blumenau reservou lotes para o culto católico, tanto na colônia Blumenau quanto em Gaspar, demarcando lugares para a igreja, o cemitério e para a residência do padre, do mesmo modo como o fez para o culto evangélico-luterano. Entretanto, em 9 de outubro de 1861, o padre Alberto Francisco Gattone dirigiu-se por correspondência ao Presidente da Província sobre a necessidade de marcar um espaço para o cemitério católico na colônia Blumenau¹, como se nada tivesse sido feito neste sentido.

De qualquer forma, o Presidente da Província respondeu ao padre de Gaspar, em ofício de 22 de novembro de 1861, nos seguintes termos:

Em solução a seu officio de 9 do mez passado tenho n'esta data ordenado ao Director da Cola. Blumenau que, de acordo com VRevma. designe o local para o cemiterio dos catholicos d'aquella Colonia.²

* Professor do Departamento de História e Geografia da FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau).

Com essa autorização, o padre Gattone poderia iniciar as providências espirituais para preparar o terreno reservado a um cemitério.

Contudo, o padre precisava do auxílio dos colonos para os preparativos. Devido à distância existente entre a freguesia de Gaspar e a colônia Blumenau, Gattone usou um edital para divulgar os serviços de preparação do cemitério entre os colonos católicos de Blumenau. Portanto, pediu ao Sr. Wendeburg, o qual substituíra o Dr. Blumenau interinamente por motivo de viagem, para afixar o edital.

O Sr. Wendeburg não afixou o edital imediatamente, o que ocasionou uma reação do pároco de Gaspar. Em 10 de fevereiro de 1862, o padre Gattone escreve ao Presidente da Província:

*Tendo eu a honra e o dever de participar isso a VExa., peço VExa. que se digne mandar afixar o ditto edital e proteger me no meu direito, que tudo esta dimanando do poder executivo de V Exa.*³

A resposta do Dr. Blumenau veio imediatamente após a sua volta à colônia. Em carta de 16 de março de 1862, expôs a situação ao Presidente da Província e acrescentou:

A requisição á respeito do cimiterio, que á Presidencia fez o Snr. Gattone, foi mais hum zelo muito gratuito e dispensado, porque já existia, o que elle pedio.[...] O

Snr. Gattone porém, em vez de cumprir com a sua visita, repetidamente promettida, e acceder ao convite do Snr. Wendeburg, escrito em termos obsequiosos e polidos, mimoseou á este, dando precipitadamente, como infelizmente, já por diferentes vezes fez, esedito á alheios palavrorios e mexericos, com huma carta, como um homem sisudo e de educação a não deve escrever, e da ameaça, de querer denunciar o seu proceder á V. Exa.

*O edital em questão se acha agora affixado desde humas tres semanas, mas sem effeito algum, como se podia prever e eu participei ao Snr. Gattone. A esteril actividade, d'escrever requisições, officios e editaes em tal cazo não basta, mas precisa-se para este fim de muitos esforços, para persuadir a gente á hum trabalho gratuito e reuni-la.*⁴

Para esclarecer o mal-entendido da não-afixação do edital por parte do Sr. Wendeburg, o Dr. Blumenau escreveu ao Presidente da Província em 6 de abril de 1862:

*O Snr. Gattone ultimamente me visitou e se convenceo pessoalmente, que, se o Snr. Wendeburg, meu substituto, não affixou logo o edital em questão, de resto não o fez por má vontade e sim por causa do equívoco trecho, que continha.*⁵

Apesar das preocupações do padre Gattone com a rápida preparação do cemitério católico em Blumenau, este não foi concluído em pouco tempo. Isto ocasionou a continuidade de enterros de católicos no cemitério evangélico-luterano da colônia, até mesmo por uma questão de transporte.

Em maio de 1862, faleceu Agnes Wagner, nascida Händchen, católica e casada com Peter Wagner, evangélico-luterano. O corpo da falecida foi enterrado no cemitério evangélico de Blumenau.

Este fato chamou a atenção do padre Gattone, que rapidamente se dirigiu ao Presidente da Província, em correspondência de 21 de maio de 1862:

*[...] Ora pois Exmo. Snr. o Pastor Protestante da Colonia Blumenau tendo elle enterrado já várias veses catholicos no cemiterio protestante, hoje até se atreveu a enterrar solemnemente uma pessoa do mesmo meu rebanho, a saber a mulher do Prtostante Pedro Wagner a que mesmo administrei o sancto viatico[...]*⁶

No dia 27 de julho de 1862, o Dr. Blumenau passou, em carta ao Presidente da Província, à narração do ocorrido em um dos documentos mais completos sobre a relação entre colonos católicos e evangélico-luteranos em Blumenau e Gaspar. Nesta carta, o Dr. Blumenau afirmou que:

[...] O Pastor Evangelico Hesse, excellente pregador, é homem de

*annos maduros e dos mais sisudos e prudentes, sendo a melhor prova, que nos seis annos, que já se acha na Colonia, os seus habitantes catholicos e evangelicos, e os da visinhança sempre vivião como uma só familia; que nem de leve e longa commeteo actos de proselytismo; que até rigorosos catholicos, que vierão assistir á seus sermões com a intenção, confessada mais tarde, de plano, para lhe espiar as palavras, não acharão motivo de queixa alguma;[...]*⁷

Em relação ao enterro de Agnes Wagner no cemitério evangélico-luterano de Blumenau, o Dr. Blumenau afirma:

[...] Sentindo-se a mulher para morrer, mandou chamar o Padre Gattone para confessar e receber o sacramento. Apareceo este, e de novo insistio, que os filhos devião ficar catholicos, mas por ora não lhe quiz dar, nem deo a communhão, até que a moribunda mulher, desesperada, lhe dizia, que elle mesmo chamasse os filhos para saber d'elles se querião ficar catholicos ou não. [...]

[...] Antes d'expirar, a mulher declara a sua vontade, de ficar enterrada no cemiterio evangelico da Colonia, onde já repousava uma amada filha sua. O marido em seguida mandou encommendar a abertura da cova, e pediu ao Pastor

Hesse a usual oração funebre.[...]

[...]Á vistas detas circunstancias, e sendo o facto virgem para mim, eu lhe aconselhava de acabar o enterro, encarregando-me d'expor as mesmas circunstancias às autoridades superiores caso o Padre Gattone levantar queixas. Acabou-se logo o enterro tranquilla e dignamente, e que os catholicos, que assistirão ao mesmo, que digão si o Pastor Hesse na tocante oração funebre, que pronunciou, se permittia a menor allusão ou expressão offensiva á algum ou á alguma opção religiosa! [grifos no original].⁸

Antes de quaisquer conclusões precipitadas, cabe colocar que, em Blumenau, em 1861, haviam apenas 138 católicos (9,39% da pop. total) e, em 1862, 283 católicos (13,75% da pop. total).⁹

Portanto, Blumenau era, até aquela época, uma colônia preponderantemente evangélico-luterana, com uma minoria de colonos católicos, e, mesmo assim, estava submetida à legislação oficialmente católica do Brasil imperial.

Por outro lado, Gaspar era uma localidade predominantemente católica, e o padre Gattone, que tinha sido educado na Alemanha de acordo com os princípios da Igreja Católica reformada pelo Concílio de Trento, não conseguia conceber uma organização eclesiástica que permitisse o convívio de dois cultos em uma só região.

Casos como o de Agnes Wagner voltaram a acontecer posteriormente. Mas, de qualquer forma, na vida cotidiana dos colonos, conforme o Dr. Blumenau,

Catholicos enterrarão os seus defunctos no cemiterio evangelico, e evangelicos no dos catholicos, sem que houvesse a menor objecção de parte a parte.¹⁰

¹ GATTONE, Alberto Francisco. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 9.10.1861. Correspondências A.V./Pres. P. (1861/62), fl. 101. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

² GATTONE, Alberto Francisco. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 10.2.1862. Correspondências A.V./Pres. P. (1861/62), fls. 277-278. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

³ Id., *ibid.*

⁴ BLUMENAU, Hermann B. Otto. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 16.3.1862. Doc. P02.15-155. Arquivo "José Ferreira da Silva", Blumenau.

⁵ BLUMENAU, Hermann B. Otto. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 6.4.1862. Doc. P02.15-157. Arquivo "José Ferreira da Silva", Blumenau.

⁶ GATTONE, Alberto Francisco. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 21.5.1862. Correspondências A.V./Pres. P. (1861/62), fl. 283. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

⁷ BLUMENAU, Hermann B. Otto. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 27.7.1862. Correspondências A.V./Pres. P. (1861/62), fls.287-289v. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

⁸ Id., *ibid.*

⁹ BLUMENAU, Hermann B. Otto. Notas estatísticas sobre a Colônia Blumenau - ano de

1862. Blumenau em Cadernos. Tomo V, n 4, abr. 1962, p. 61-66.

¹⁰ BLUMENAU, Hermann B. Otto. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 27.7.1862. Correspondências A.V./Pres. P. (1861/62), fls. 287-289v. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.